

sonho da casa própria

Os moradores da Boca da Mata, invasão situada em Taguatinga Sul, puderam, depois de 10 anos de luta, realizar o sonho da casa própria. As cinquenta primeiras famílias foram removidas ontem de manhã para a área de um loteamento em Samambaia, a 10 quilômetros de Taguatinga.

Os moradores da invasão, juntamente com a Administração Regional de Taguatinga, Associação de Serviços Sociais do DF, Terracap, Corpo de Bombeiros, polícias Cíveis e Militares, começaram a desmontar os barracos às sete da manhã. Ao contrário das outras remoções feitas em diversas áreas do DF, os novos moradores de Samambaia estavam eufóricos. O sentimento entre as 6 mil 500 famílias, distribuídas em apenas 1 mil 900 barracos, era um só: a alegria de possuir um lote, que irá colocar fim ao pesadelo de ser, de um dia para outro, retirado da invasão e sem ter para onde ir. Essa alegria é expressa nas palavras de Maria Rosa dos Santos, 58 anos, moradora da invasão há nove: "Lá em Samambaia vou poder construir o meu barraco num terreno que é meu e vou poder também ter um quintal com uma horta".

A remoção dos moradores, segundo o secretário

de Serviços Sociais do DF, João Ribeiro, será feita escalonadamente, obedecendo a numeração, que começou pelos primeiros barracos instalados. Alguns moradores novos montaram os seus barracos entre os que surgiram no início da invasão, sendo por isso beneficiados e removidos antes dos mais antigos. Mas isso, de acordo com o presidente da Associação dos Moradores da Boca da Mata, José Vieira, não gerou nenhum conflito entre os habitantes: "Todos sabem que sairão em breve daqui e que o seu lote já está garantido".

SAMAMBAIA

Em Samambaia existe lugar para todos os moradores da Boca da Mata. Cada família vai ocupar uma área de 125m², já com a rede elétrica instalada pela CEB, com quatro chafarizes, um galpão que funcionará como escola e creche, um posto de saúde e um posto policial. De acordo com o secretário de Serviços Sociais, João Ribeiro, uma das preocupações do GDF ao fazer qualquer remoção é não dificultar o transporte das pessoas aos seus locais de trabalho. Para que isso não aconteça, os novos moradores de Samambaia terão também uma linha de ônibus.

Durante cinco anos, as 6 mil 500 famílias a serem removidas para Samambaia ocuparão a área, cedida pelo GDF, com contrato de concessão de uso. Após esse período, cada morador terá garantido o seu lote. O primeiro lote foi destinado a Maria Silva Feitosa, que teve o seu barraco, na Boca da Mata, assinalado com o número um. Maria, de 23 anos, morava na invasão há três, é casada e tem um filho de três meses. Os contratos serão feitos em nomes das mulheres. De acordo com o presidente da Associação de Invasores, "isso evitará que os lotes sejam vendidos, pois a maioria dos casais não oficializa a união e os homens poderiam vender o terreno, mesmo sem a mulher saber".

Ao fazer a entrega do primeiro lote, o governador Joaquim Roriz falou da importância de se ter um lugar para morar, enfatizando que o lote será um patrimônio que deverá passar de pai para filho. Joaquim Roriz disse também que parentes e amigos não devem ser incentivados a deixar a terra natal e vir para Brasília. De acordo com ele, uma das metas do seu governo é acabar com as invasões, mas se as pessoas continuarem chegando, o programa não será cumprido.

Clima de velho oeste no cerrado

O cenário lembra a conquista do Oeste norte-americano, quando famílias inteiras se mudavam e construíam suas novas casas e esperanças. Até os cavalos da Polícia Militar acentuavam o clima. Ao invés das carroças cobertas com pano branco, normalmente atacadas por índios nos filmes de cowboy, a bagagem e as sobras dos barracos desmontados chegam em caminhões. São as primeiras 50 famílias da invasão da Boca da Mata que chegam para morar em seus próprios lotes na nova cidade-satélite de Samambaia.

"O sofrimento que tô passando hoje é feliz", resumiu Erenilda Tavares Costa, 32 anos, sete filhos, mulher do estofador Nestor Nunes Costa. Desde 1984 eles moravam na favela da Boca da Mata, em Taguatinga. "A gente não aguentava mais pagar aluguel e tivemos que fazer o barraco na invasão", explicou ela. Radiante com o lote de menos de 140 metros quadrados, Erenilda disse que estava "tão feliz que ontem (anteontem) eu não dormi".

O pequeno barraco em que moravam Nestor, Erenilda e os sete filhos era dividido com o irmão de Nestor, Pedro Nunes Costa, sua mulher, Marizalda, e o filho do casal, Diego, de um ano e dois meses de idade. Agora, Pedro, Marizalda e Diego ganharam um lote só para eles e bem ao lado do terreno de Nestor. Os dois irmãos, Nestor e Pedro, começaram ontem à tarde a montar o barraco exatamente na divisa dos dois lotes. Tiveram, porém, que interromper o trabalho e começar tudo de novo.

"Assim não pode, pois temos os gabaritos", repreendeu um técnico que orientava os assentados.

Por enquanto, Pedro vai continuar morando no barraco de Nestor. "Vou ter que dar um jeito de conseguir o material para construir o meu barraco", afirmou Pedro. Ele é carpinteiro e não terá muitas dificuldades para executar o trabalho.

Próximo aos lotes dos irmãos Nunes Costa, Janduy Pereira de Oliveira e sua mulher, Maria Oliveira, arrumavam sua pequena mobília sob um plástico preto. As tábuas e pedaços de madeira que sobram do barraco da Boca da Mata eram poucas e Janduy não tinha condição de montar, sozinho, o seu barraco.

A profissão de Janduy também contribui para aumentar sua dificuldade em construir um barraco. Ele costuma usar suas mãos para outro tipo de arte. Janduy é músico profissional. Ele toca piano e acordeon no bar Asa Branca 2, na 710 Norte. "Estou satisfeito, mas ganho 200 e poucos cruzados novos mensais e acho que o Governo poderia financiar a madeira pra gente fazer o barra-

co", sugere.

A operação de remoção e de assentamento deverá durar no máximo um mês. A garantia é do secretário de Serviços Sociais, João Ribeiro. Segundo ele, o número de famílias da Boca da Mata que serão removidas é de aproximadamente 1 mil e 800.

"Foi muito comovente e tudo se deve a um esforço do Governo, das lideranças comunitárias e do povo", disse João Ribeiro, lembrando que o GDF já cadastrou 146 mil famílias de baixa renda e 14 mil 300 famílias de favelados. No local onde estão sendo assentadas as famílias da Boca da Mata já estão demarcados 12 mil lotes, para o assentamento de famílias de inquilinos de baixa renda e de funcionários públicos do GDF, também de baixa renda.

Técnicos do GDF estão fazendo levantamento de novas áreas no Guará, Gama e Planaltina para futuros assentamentos. Em Taguatinga Sul e Ceilândia já foram escolhidas áreas.

JOAQUIM FIRMINO



Roriz: entregando lotes e contra o fluxo migratório

Empresário diz que Buriti fecha portas a Taguatinga

A comunidade empresarial de Taguatinga está se sentindo desrespeitada pelo GDF, que tem se negado a prestar informações e até mesmo a receber suas lideranças, apesar dos sucessivos pedidos de audiência protocolados no Palácio do Buriti. A declaração é do presidente da Associação Comercial e Industrial daquela satélite (Acit), Abdon Henrique.

Conforme o dirigente, uma das funções do governo é ouvir as entidades representativas e o povo, o que não vem ocorrendo com o governador Joaquim

Roriz. Diante da indiferença do Buriti em relação aos sucessivos pedidos de audiência, muitos deles marcados e cancelados, a Acit resolveu veicular, nas emissoras de televisão, o compromisso assumido há mais de quatro meses por Roriz junto ao empresarial.

— Nossa intenção era chamar a atenção do governador para que nos ouvisse e nos desse a oportunidade de dizer que estão faltando o respeito à classe empresarial, a partir do momento em que não são

dadas as informações buscadas nos órgãos competentes. Taguatinga está abandonada e o que mais nos admira é que, mesmo depois do anúncio pela tevê, não nos foi dada a oportunidade de conversação", afirmou Abdon.

Disse ainda que, embora a classe empresarial de Brasília esteja satisfeita com as conquistas, o governo precisa entender que, além do Plano Piloto, existe a realidade das satélites, onde a explosão demográfica se acentua, faltam empregos e os problemas sociais se agravam.